

Vicente, português de Moçambique

# «NÃO PAREI OLHANDO O PASSADO E NO MEU CLUBE NÃO SOU APANHA BOLAS...»

CARLOS NOGUEIRA

**T**EM o ar sereno e tranquilo de quem vive com a consciência em paz perante si próprio e perante a sociedade que o acolheu em seu seio há 55 anos. Com o seu temperamento e a sua forma de estar na vida, bem os iraquianos tinham que ganhar para o petróleo dentro das suas próprias fronteiras e os americanos poderiam dedicar-se à pesca se à frente dos destinos dos respectivos países estivesse um senhor chamado VICENTE LUCAS DA FONSECA. Poucas vezes esta «senhoria» foi tão bem aplicada, como no caso deste moçambicano que passou de «pantufas» pelo futebol português e passou a sua classe pelos estádios de quase todo o mundo, defrontando e «metendo no bolso» grandes estrelas do firmamento internacional, tendo ficado célebre, entre outras, uma sua actuação contra o Brasil, no Mundial de 66, durante a qual vulgarizou aquele que foi considerado o melhor futebolista mundial de todos os tempos: Pelé.

— Vicente, como foi que surgiu no futebol português?

— Tudo aconteceu quando, em 1954, o Belenenses foi a Lourenço Marques, minha terra natal, integrado na comitiva do então Presidente da República, Américo Tomás. Os dirigentes do Belenenses falaram com os directores do 1.º de Maio, clube onde eu jogava, e também com a minha mãe, e ficou tudo assente para eu vir para Lisboa, onde cheguei de barco, em Junho de 1954. Tinha então 18 anos, pois nasci em 24 de Setembro de 1935.

— Você era mais conhecido então como o irmão do Matateu, que já estava a jogar no Belenenses há algum tempo...

— De facto o meu irmão tinha vindo dois anos antes e era a grande vedeta do futebol português, mas eu nunca quis que me conhecessem apenas por ser irmão do Matateu. Para isso trabalhei bastante e creio

que consegui impor-me com o meu próprio nome.

— Recorda-se da sua estreia?

— Sim. Entrei logo na primeira categoria e pouco depois estreei-me a jogar contra o F.C. Porto no velho campo das Salésias e marquei um golo.

— Que saudades desse tempo, não?

— Para mim o futebol é sempre igual. São 11 de cada lado e uma bola para ser disputada. As tácticas é que vão sendo alteradas. Hoje há mais preocupações defensivas, no meu tempo havia talvez mais espectáculo. Agora joga-se mais a pensar nos pontos, os interesses em jogo são outros. Os jogadores do

do futebol, o que não o impedia de entrar nas jogadas mais duras, sem qualquer receio...

— Tinha a minha maneira de actuar. Como não era muito forte fisicamente, não podia usar muita dureza nas minhas intervenções. Claro que se jogasse nos tempos que correm, teria que me adaptar e dar mais o

com rara violência, a sua intervenção num desses momentos pode ter uma acção pacificadora. Já alguma vez teve que fazer uso dessa sua capacidade para travar excessos?

— Sim, no Belenenses, quando as coisas correm mal, há sócios que se descontrolam um pouco e já tenho procurado acalmá-los. Eles escutam-me e isso satisfaz-me porque o Belenenses e os seus interesses é que estão em causa.

— Não tem inimigos?

— Pelo menos não dou por eles. Se alguém às vezes, já terá procurado fazer de mim um inimigo depressa se desencorajou, pois a verdade é que não pretendo criar inimizades com ninguém.

## Meu irmão chegou cedo de mais

— Foi difícil anular o Pelé naquele célebre jogo do «mundial»?

— Claro que marcar Pelé, como marcar Eusébio ou o meu irmão no seu tempo, não era tarefa fácil. Contra o Pelé creio que me saí bem porque me limitei a cumprir as instruções do treinador e que visavam não o deixar jogar. Foi o que fiz, ainda que eu próprio também não «tivesse» jogado.

— Quantas vezes foi internacional?

— 30 vezes.

— Considera que o seu irmão foi de facto um dos melhores avançados portugueses de todos os tempos?

— Sem dúvida. O mal do meu irmão foi ter aparecido no futebol muito cedo. Na sua época não havia TV para mostrar a categoria do seu futebol, havia apenas os jornais.

— Ele foi superior ao Eusébio?

— É difícil fazer comparações desse género. Lamento é que não tenham podido jogar os dois juntos.

— E você, se tem surgido mais tarde no futebol teria também ganho mais dinheiro...

— Não me queixo. Ga-

nhei o suficiente para ter uma vida sossegada e continuo a trabalhar sem esperar que o dinheiro caia do céu porque nunca ambicionei grandes riquezas.

— Grande infelicidade para si foi também o acidente que o fez retirar da actividade como praticante de forma um tanto prematura. Quer falar disso?

— Há pouco para dizer desse grande azar que tive pouco depois do «mundial» de 66. Foi um estúpido acidente de automóvel em Caselas, quando me dirigia para o treino no Restelo. Vinha rolando devagar, mas o automobilista que seguia à minha frente de repente fez uma inversão de marcha e eu não consegui evitar o embate. Fui para uma clínica onde estive uns dias, mas não consegui recuperar a visão e tive que abandonar a carreira de jogador.

— Enveredou pela de treinador...

— Sim, naturalmente. O futebol é a minha vida. Tirei um curso e fui treinando várias equipas. O Vasco da Gama de Sines, o Sesimbra, o Peniche, o Desportivo de Castelo Branco, o Amiais, voltei ao Sesimbra em quando o Belenenses desceu à 2.ª Divisão, voltei às origens e aqui estou, satisfeito, no meu clube.

— Tratam-no de acordo com o prestígio que granjeou?

— Sim, sem dúvida. E olhe que não sou apanha-bolas, como maldosamente um conhecido jornal desportivo há pouco insinuou. Fiquei muito magoado e penso que merecia mais respeito.

(Junto a nós, José Manuel Pintassilgo, professor de educação física e treinador de natação do Belenenses secundou as palavras de Vicente, dizendo: «Não se escreve uma coisa daquelas sobre uma figura com o passado do Vicente. Haja respeito!...»)

## Tristeza por Moçambique

Vicente vive solitário, mas feliz. Uma solidão de que não se dá conta, porque o seu dia-a-dia é pre-

Continua na pág. 27



Vicente Lucas, legenda do passado, exemplo para o futuro

— Sou daqueles que pensam que não vale a pena ficar a olhar para o passado. Foi de facto um tempo bom porque joguei ao lado e contra grandes figuras do futebol.

## O futebol é sempre igual

— O futebol que se joga hoje, comparado com o do seu tempo...

meu tempo quando terminavam os desafios iam para os restaurantes que, ao contrário do que sucede agora, estavam abertos até mais tarde. Chegavam a andar cá por fora até às 4 da manhã. O que não quer dizer que não houvesse tanta ou mais consciência profissional como agora.

— Diz-se que o Vicente tinha uma visão de certo modo sonhadora

corpo ao manifesto.

— Sente que foi sempre um jogador respeitado?

— Ah, sim. Tanto os colegas como os adversários respeitavam-me.

— Actualmente o Vicente é uma figura lendária do Belenenses, como o é, de resto, do futebol português. Num meio onde as paixões se desencadeiam, por vezes

*Continuação da pág. 26*

enchido entre o trabalho dentro do seu ambiente e o convívio com os muitos amigos que tem entre o Restelo e a zona do Da-fundo onde reside.

— Do casamento, o que ficou, Vicente?

— Um filho que tem hoje 24 anos. Chama-se Rui Vicente trabalha como desenhador e só joga futebol de salão. Nunca

lhe deu para seguir a carreira do pai e até certo ponto isso compreende-se porque aos filhos de jogadores conhecidos há tendência para se exigir sempre mais do que aos outros.

— E do seu irmão, Matateu, o que é feito?

— Desde que ele cá esteve numa homenagem prestada pelo Belenenses há dois anos, nunca mais

soube dele. Está com 65 anos e suponho que continua bem no Canadá.

— De Moçambique tem recebido notícias?

— Estive lá pela última vez há três anos. O que sei é o que todos sabemos. Um povo martirizado pela guerra que parece não ter fim, o que me deixa profundamente entristecido.

Penso que já é altura

de se acabar com o conflito entre irmãos e que de um e do outro lado, devem sentar-se à mesa para encontrarem uma solução para ele. Todas as guerras são odiosas. Esta do Golfo, por exemplo. Tanta gente inocente que morre...

Vicente Lucas da Fonseca. Um bom homem, vivendo agora outra «guerra» que tem a ver

com a manutenção do seu Belenenses na I Divisão.

— Penso que vamos conseguir não descer, mas se isso acontecesse, não iríamos ficar parados e a chorar. O Belenenses tem recursos suficientes para superar todas as dificuldades.

Na parte final desta entrevista, Manuel Rodrigues, outra figura relevante do passado, abei-

rou-se de Vicente e convidou-o a integrar a comitiva dos «veteranos» do clube que em breve se desloca a Vila Real de Santo António para disputar um jogo. Um convite em forma de «ordem», a revelar bem a estima que todos nutrem por este nobre desportista filho de Moçambique, mas português por adopção.